

Âncora: algumas práticas semiológicas

RESUMO

O SBT Brasil, na mesmice cotidiana dos telejornais, parece ter uma diferença. É a performance discursiva da sua âncora, Ana Paula Padrão, que parece possuir algumas características muito particulares na produção de sentido. Procuraremos compreender tais práticas semiológicas, através dos pressupostos teóricos e metodológicos de Roland Barthes, em suas dimensões lingüísticas e translingüísticas. Contemplaremos a produção de sentido, nos níveis verbais e não-verbais das edições, sobretudo, de 15 de agosto de 2005 e 05 de junho de 2006.

PALAVRAS-CHAVE

- telejornalismo
- âncora
- semiologia

ABSTRACT

SBT Brasil, in the everyday boringness of television news, seems to have a difference. It's the performance of its host, Ana Paula Padrão, that seems to possess some very unique characteristics in the production of meaning. We'll try to understand such semiological practices through Roland Barthes' theoretical and methodological presumptions, on its linguistic and trans-linguistic characteristics. We'll take into account the production of meaning, on its verbal and non-verbal levels, mainly from the broadcasts of august 15th, 2005 and june 5th, 2006.

KEY WORDS

- television news
- anchor
- semiology

Todo o nascimento parece estar envolto em um repertório de esperanças e de expectativas. O *SBT Brasil* é um dos novos recém-nascidos do telejornalismo nacional. Ainda engatinha, mas já informa algumas carências, que se pronunciam com a cintilância de algumas virtudes, próprias de sua condição histórica.

Nos bastidores desse cenário, parece existir uma realidade. É o repertório de ambivalências da emissora em relação ao telejornalismo que parece, historicamente, ser um artigo subalterno na vitrine de sua produção discursiva. Algo que se não é descartável, tem fisionomia e traços da descartabilidade.

Talvez três experiências jornalísticas tenham sido reveladoras da trajetória do SBT. Foram o *TJ Brasil*, com Boris Casoy, em 1988; *Aqui, Agora*, em 1991; e o *Jornal do SBT*, com Cynthia Bennini e Analice Nicolau, em 2003; que compuseram uma heterogeneidade de estilos. O *TJ Brasil*, como já referimos, deixou uma herança. Legou um novo modelo de ancoragem, com Casoy. Ele ampliou as práticas de ancorar, trazendo, para si, a incumbência do gênero opinativo. Trouxe uma inovação, sujeita à doçura dos elogios e ao amargo das críticas. O *Aqui, Agora* surgiu em 1991, com uma identidade singular. Corria, em suas veias, a vocação sangüinária do sensacionalismo. O seu hemocentro parecia ter uma matéria-prima essencial. Era o *Fait Divers*, a informação sensacionalista, conforme Barthes (1971), comprometida com a transfusão de diferentes tipos de sangue. Squirra (*ibidem.*, p. 142-143) observa que o programa trouxe o "jornalismo popular do rádio para a televisão". Foi uma "cópia do *Nuevodiário*, da televisão argentina, inovando, porém, com a utilização do "plano-sequência" - a gravação ininterrupta, evitando a edição. Já o *Jornal do SBT Primeira Edição* foi uma tentativa ousada. Procurou sincretizar as linguagens do telejornalismo com a do *reality show*. Resgatou as participantes da Casa dos Artistas 2, Cynthia Benini e Analice Nicolau, transformando-as em âncoras. A iniciativa, mesmo tendo uma alquimia criativa, procurava colar a linguagem do telejornalismo com a do *reality show*. Trazia uma novidade, com uma auto-referência pretérita, apostando na interpelação imagética das personagens, procurando conceber uma singularidade discursiva.

As três experiências indicam conceitos diversos. A tentativa, com Casoy, buscava a ênfase de um jornalismo de qualidade. O *Aqui, Agora* jogava as fichas no sensacionalismo. O *Jornal do SBT* parecia sintetizar o desejo de um socioleto, afinado com o perfil da emissora e o seus respectivos públicos.

Todos tiveram, em suas diversidades, uma unidade. Foram abreviados pelo imediatismo ansioso de Silvio Santos, nutrido por uma cultura positivista.

Roberto Ramos
PUCRS

Tudo começa e tudo termina na tábua-rasa dos números de audiência – medida única e absoluta de uma avaliação televisiva.

Em 15 de agosto de 2005, o SBT Brasil, com Ana Paula Padrão, entrou no ar. Estava sob a égide do signo do crédito, aludido pela presença da âncora, mas convivendo com um contexto de descrédito. A ambivalência da emissora, em suas parcerias e experiências com o telejornalismo, tem tido um sentido quase fugaz. O investimento, porém, foi diferenciado. A emissora preparou uma campanha de marketing, para o lançamento do telejornal. Conjugou peças nas mídias impressa e eletrônica, articulando uma interpelação nova, contrariando a trajetória da própria emissora. Na mídia impressa, publicou o anúncio a respeito do lançamento do telejornal, com um argumento específico. Centralizou a interpelação na figura de Ana Paula. Teve o seguinte título: “Seriedade, credibilidade e simpatia. Onde você vai encontrar notícia melhor que esta?” Era seguido do texto (2005):

Ana Paula Padrão comanda o novo jornalismo do SBT. Jornalismo sério e imparcial, com equilíbrio e a credibilidade, que você merece, e a simpatia, que só o SBT tem. De segunda a sábado, Ana Paula Padrão apresenta os fatos e as notícias mais importantes do dia. Você não pode perder?

A trajetória profissional da âncora consolidou uma perspectiva. Concedeu o corpo e o espírito, para os apelos do anúncio. O seu perfil, de pessoa física, sofreu transposição. Tornou-se os traços concretos, dando carne e ossos, à sua imagem e à sua semelhança, para o esqueleto do SBT Brasil.

Desde 1996, Silvio Santos tentava a sua contratação. Desejava uma jornalista emblemática, com carisma, para dar feições mais definitivas aos traços do telejornalismo. Pagou uma multa rescisória, para a Globo, de 3 milhões e 729 mil reais conforme Orosco (2005, p. 103). Fez um contrato, de quatro anos, sem nenhum período fora do ar, com orçamento definido.

Além de Padrão, ocorreram, ainda, as contratações de Luiz Gonzaga Mineiro, para diretor nacional de telejornalismo, e do jornalista Carlos Nascimento. Ambas parecem avaliar, *a priori*, uma outra perspectiva. A emissora procurou se reciclar, dando alguma vez e alguma voz, para as falas e ecos da realidade.

A trajetória da jornalista tem sido reveladora. Ana Paula, formada pela Universidade de Brasília, estava na Rede Globo desde 1987. Fez a cobertura do Palácio do Planalto no primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso – 1995–1998. Foi, ainda, correspondente em Londres e Nova Iorque e cobriu as Copas do Mundo de 1998 e 2002. Desde 2000, era a âncora do Jornal da Globo. Deixou o certo, e resolveu apostar no incerto Corte Real (2004, p. 93–94)

desenvolveu um estudo monográfico sobre o Jornal da Globo, abordando-o com um recorte específico: o da violência. Utilizou, como método, a sociologia compreensiva, de Maffesoli. Trouxe uma evidência sobre Ana Paula Padrão, à luz da noção de empatia:

A empatia aparece na pesquisa, de algumas maneiras, são elas: a capacidade de projetar a personalidade de alguém num objeto, isto é a personalidade da âncora, atribuída no telejornal, de forma que este pareça como que impregnado nela. Empatia é, também, o processo de identificação, em que o telespectador se coloca no lugar do apresentador e, com base em suas próprias suposições ou impressões, tenta compreender o seu comportamento.

O SBT montou uma estrutura, com 100 profissionais. São 60, em São Paulo, 25, em Brasília, e 15, no Rio de Janeiro. As sucursais, de Brasília e do Rio de Janeiro, se tornaram, também, em redações (<http://sbt.com.br/jornalismo/sbtbrasil>, 1º de setembro de 2005, 8h, p.1). A rede foi articulada paulatinamente. Conta, no momento, com 13 outros núcleos. São eles: Porto Alegre, Florianópolis, Foz do Iguaçu, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Fortaleza, Belém, Cuiabá, Goiânia e Campo Grande, entre outros, espalhados pela geografia nacional (*ibidem.*). A cobertura internacional apresenta quatro correspondentes básicos, fixados em regiões estratégicas. Yula Rocha está em Nova Iorque, Paula Schmidt, no Oriente Médio, Marcelo Torres, em Londres, e Guilherme Aquino, em Milão. Além deles, foram contratados mais dez repórteres free-lancers (*ibidem.*).

O SBT Brasil, em sua estréia, para quem só tem olfato e paladar para números, assegurou o segundo lugar no Ibope. Somou dez pontos e teve picos de 12. Perdeu para a Globo, com a telenovela *A Lua Me Disse*, com 34 pontos, mas superou a Record, com 9, e a Bandeirantes, com 4 (<http://uol.com.br>, 15 de agosto de 2005, 9h, p.1). O telejornal já conviveu, com algumas mudanças de horário. Já esteve às 19h15min, depois, 19h45min, 19h30min, às 20h, 18h30min, 21h e, por último, 21h30min. Além dele, há o Jornal do SBT, atualmente, com três edições diárias. A primeira, com Hermano Henning, às 6h, e, à noite, com Carlos Nascimento, às 24h, seguida de uma reapresentação.

A emissora teve, na Copa do Mundo na Alemanha, uma cobertura diferenciada. Denominou-a “Cá e Lá”. Contabilizou 30 profissionais – a segunda maior equipe, em quantidade, da televisão brasileira. Também, agenciou as participações dos seus âncoras, em matérias especiais.

Tais indícios de uma priorização do telejornalismo não avançaram. Chegaram, inclusive, a regredir. As sucessivas trocas de horário do SBT Brasil foi uma das causas, que fez Padrão abandonar a sua bancada em 23 de novembro de 2006. Acabou sendo

substituída por Carlos Nascimento e Juliana Alvim, com outro horário e formato, às 21h30min. Voltada somente para a significação dos números de audiência, como verdade única e absoluta, a emissora parece ter não compreendido o seu melhor e mais qualificado empreendimento telejornalístico.

Ação de ancorar

Um Plano Geral traduz o cenário em imagens. Ao fundo, existe uma metonímia da redação, onde os jornalistas trabalham nos computadores. À frente uma grande bancada contracenada com um telão e sete telas menores, à direita do telespectador. A voz do locutor não tarda a anunciar: “No Centro de televisão da Anhangüera, em São Paulo, SBT Brasil, com Ana Paula Padrão”. As oito telas estão dispostas à frente, atrás, à direita e à esquerda do cenário. Formam um círculo imaginário. Cabe observarmos a simbologia. Chevalier e Gheerbrant (1997a) referem que o círculo simboliza a noção de todo, no caso, marcado e demarcado pela onipresença imagética. Ela sai do fundo, em meio à sintética redação, com o roteiro nas mãos. Posiciona-se, em um plano médio, onde orchestra a manchete principal do dia. Depois, em FQ (fora de quadro), desfia as chamadas das demais notícias. Agenda, com isso, a escalada a síntese essencial da edição. A seguir, a âncora já aparece instalada na bancada, em plano americano, tecendo a produção de sentido da notícia inicial. É cotidiano de suas práticas sair da banca e, em plano médio, se postar em da tela menor, para chamar o(a) repórter, que entram ao vivo.

A dialética, desde Heráclito, Platão e Sócrates, entre outros, até chegar em Marx, no século XIX, talvez, articule um recado. Parece deixar, em suas diferenças, construídas em vários jogos de teses e antíteses, uma síntese básica. Viver é dinamismo, como possibilidade de exercício de mudar a cada instante fugidío da existência. Hobbes (1988a) observou, na perspectiva empírica de sua filosofia, que a vida se revela, com uma característica essencial. É o movimento, que estabelece o sentido intrínseco à condição do ser humano, que se encontra vivo, diferenciando-o daquele que morreu.

Ana Paula parece conjugar alguns verbos, bem singulares, que tecem a ação. Ela caminha, senta, levanta e se mantém de pé. Materializa os sentidos de que a vida se torna viva, por intermédio do movimento, tal qual concebe Hobbes, bem como sublinhou a dialética. A discursividade, empreendida pela âncora, pode singular um código, que pluraliza diferentes significantes, que dialogam entre si. Cabe relacionarmos alguns, que nos parecem mais decisivos e invariantes. São eles, *a voz, os olhos e as mãos*, que parecem reger a orquestração de sua produção de sentido.

Barthes (1988b, p. 248) observa a importância da Voz, modulando-a num tom psicanalítico, como uma interrogação, sem neutralidade. Ele sublinha que “a

Psicanálise coloca esse objeto sempre na categoria dos objetos de desejo – ou de repulsa”, porquanto “não há voz neutra”. Déa Mancuso e Delmar Mancuso (2000, p. 89) a celebram ludica e poeticamente. Contemplam os seus aspectos complexos. Concedem vez e ecos, para os seus matizes objetivos e subjetivos. Pluralizam-na, em seus diversos tipos e subtipos, numa reverência:

Vozes, que espantam, que afastam, que atraem,
que encantam, que seduzem, que apaixonam,
que cativam, que aprisionam, que sufocam, que
asfixiam, que matam.

A âncora possui uma voz média, que não é forte, mas tem uma força de interpelação. Parece caracterizar-se por um equilíbrio entre os graves e os agudos, estes, todavia, traduzem uma hegemonia. Ditam e reeditam a espessura e a tonalidade do seu timbre. Não é somente uma voz, que apenas atrai. Não se restringe à qualidade de ser cativante. Vai além. Articula a performance de empostação, exigida pela locução, temperada com um tom coloquial, que cultiva elementos, que indiciam uma interpretação cênica. Na locução, podemos testemunhar algumas virtudes básicas. A modulação apresenta aclives e declives, afinados à respectiva pontuação. Percebemos, auditivamente, a figuração das pausas, anotadas pelas marcações e demarcações das vírgulas, dos pontos-e-vírgulas, dos dois pontos e dos pontos finais. Tal mimetização sonora pode ganhar melhor qualidade expressiva, quando encena com um tipo muito próprio de elaboração frasal. É a *frase entrecortada*, que afirma uma idéia por vez, com a concisão, que não deve transcender ao limite de duas orações, bem conjugadas.

A coloquialidade parece abraçar um repertório singularizado. Prefere um léxico cotidiano, pronunciado por uma oralidade, com cheiro das ruas, praças e de diferentes espaços públicos. Abriga, por vezes, as gírias e frases feitas, que circulam no trânsito diário da doxa, como discurso vigente. Logo, a sua voz relaciona o tom locutório com o despojamento coloquial. É, nesse sentido, simbiótica, porque pronuncia, na diversidade, uma unidade, com constância. Elaborar uma alquimia, com uma fórmula bem específica. Transforma a diacronia em sincronia. A voz se ritualiza, com a parceria de outros significantes. São os casos das mãos e dos olhos, que produzem sentido. Empreendem a arquitetura de um não-verbal, que é dialógico nas partituras das orquestrações dos gestos e expressões fisionômicas. Parecem materializar o dito, em sua forma de dizer. A mão é um emblema real – um instrumento de maestria e um signo de dominação. A palavra, em hebreu, *iad*, significa, simbioticamente, ao mesmo tempo, mão e poder, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (ibidem., p. 589). Ambos encontram-se associados.

A psicanálise, também, a valoriza. Compara-a à importância dos olhos e dos sonhos. É uma fonte de conhecimento. Apresenta, como finalidade, a linguagem (ibidem.). Revela-se, semiologicamente, com a força de um significante, em suas potencialidades de produzir a expressividade.

Na performance discursiva do SBT Brasil, Ana Paula, consciente ou inconscientemente não importa, agencia três movimentos, preferenciais com as mãos. Ela as evidencia, espalmada para cima e para baixo. Ainda, as disponibiliza fechadas, com o dedo apontado. As mãos espalmadas, para cima, simbolizam um “sinal de submissão, uma atitude não ameaçadora”; para baixo, materializam a “projeção de autoridade”. As fechadas, com dedo apontado, sintetizam que o orador impõe submissão aos ouvintes”, como referem Allan Pease e Barbara Pease (2005, p. 38–39).

Os olhos, conforme Freud (1987b), é a percepção mais qualitativa e mais antiga no ser humano. Apresenta uma maior capacidade de condicionamento junto ao inconsciente, que, de modo prioritário, se comunica, simbolicamente, por intermédio de significantes visuais. Ana Paula, em relação aos olhos, enfatiza dois hábitos, em particular. Um é o levantar as sobrancelhas conota um “olá”. É uma maneira de reconhecer o outro, com uma abordagem pacífica. No entanto, o alargamento dos olhos simboliza um halo de mistério, produz um sentido de enigma. Foi muito ritualizado pela artista norte-americana, Marilyn Monroe, e “é comum antes da mulher ter orgasmo” (ibidem., p. 108–109)

A âncora articula um repertório de significantes verbais e imagéticos básicos. Tecem uma lógica entre si. Promovem a dialogicidade, que pode se conjugar em dois processos simultâneos. Um é uma espécie de autodiálogo, que opera entre os significantes; o outro parece uma interpelação coloquial com a recepção. Tais significantes, em suas possibilidades de multi-diálogo, podem falar mais do que significados. Dizem e afirmam um código, como uma forma de empreender, com particularidade, a produção discursiva, que ganha expressão na inter-relação do verbal e do não-verbal. O código, em sua pluralidade de significantes, pode não se ausentar de uma prioridade, de uma dimensão essencial, que personaliza a sua singularidade. É a hegemonia dos significantes verbais, sobretudo, em sua disposição oral, em simbiose com os imagéticos – mãos e olhos, em especial, agentes da expressividade. Tal caracterização parece estabelecer, nas possibilidades e limitações televisivas, uma afirmação discursiva. Não é a *linguagem imagem* – aquela, que fala sobre algo –, que dispõe da prioridade. É, todavia, a *linguagem objeto* – o dizer do que se vive e de como se convive, conforme Barthes (1988c) –, que possui a titularidade de ser prioritária.

Portanto, os telejornais brasileiros são, na generalidade, quase univitelinos. Informam as mesmas no-

tícias, com as mesmas fontes, com um enfoque único, de digital totalitária. No SBT Brasil, entretanto, a âncora parece fazer a diferença. Apresenta um código, que produz sentido, através da *linguagem objeto*, buscando uma dialogicidade horizontal. É um *código simbiótico*, em essência e por excelência. ■FAMECOS

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Ensaio Crítico*. Lisboa. Edições 70, 1971.
- . *O Óbvio e o Obtuso*. São Paulo: Nova Fronteira, 1988b.
- . *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988c.
- CHEVALLIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 11ª. ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997a.
- FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos*. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1997b.
- HOBBS, Thomas. *O Leviatã ou matéria, forma e Poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Nova Cultural, 1988a.
- MANCUSO, Déa e MANCUSO, Delmar. *A Voz – variações sobre o mesmo tema*. Porto Alegre: Editora O Quintal, 2000.
- PEASE, Allan e Barbara, PEASE. *Desvendando os segredos da Linguagem Corporal*. 3ª ed. RJ: Sextante, 2005.
- SQUIRRA, Sebastião. *Boris Casoy – o Âncora no telejornalismo brasileiro*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

OUTRAS FONTES

- CORTE REAL, Cinthia. *Os Telejornais da Globo: Imaginário, Violência e Pós-Modernidade*. Monografia, habilitação em Jornalismo, PUCRS, FAMECOS, Porto Alegre, 2004.
- OROSCO, Dolores. *Fim de caso*. *Revista IstoÉ*, São Paulo, nº 1858, 25 de maio de 2005, p. 103.
- SBT. *Anúncio de lançamento do SBT Brasil*, publicado na *Revista IstoÉ*, São Paulo, nº 1858, 25 de maio de 2005, p. 103.
- SITE do SBT, www.sbt.com.br/sbtbrasil, 14 de agosto de 2005, 8h30min, p. 1.